

DA HISTÓRIA DE VIDA AOS CONTOS DE FADAS: UM PROCESSO DE INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NAS CULTURA DA ESCRITA

LAILA AZIZE SOUTO AHMAD (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA).

Resumo

Este trabalho refere-se a fragmentos de práticas educativas com crianças da creche – 2–3 anos de idade, no interior do Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo (creche universitária da UFSM). Essas práticas desenvolveram-se em torno da diversidade de linguagens expressivas como forma de promover a inserção das crianças nas culturas e práticas sociais do nosso mundo – letrado e tecnologizado. Foram desenvolvidas atividades intencionalmente organizadas para privilegiar a criança como protagonista e ator principal, a partir do reconhecimento de sua história como personagem da vida real, assim como os personagens dos contos de fadas que lhes são periodicamente apresentados. A partir desse processo, as crianças interagiram com diversos gêneros literários – poesias, narrativas, contos de fadas e ainda histórias nas quais os personagens se apresentavam como super-heróis dentro dos contextos vividos. Essas histórias eram contadas pelas próprias crianças, através da leitura de imagens, previamente contadas e compartilhadas pelos pais, anteriormente em casa. A metodologia utilizada baseou-se numa pesquisa com as crianças, na qual estas em conversas com os pais, fizeram a escolha da história infantil que elas mais gostavam ou que acreditavam que mais se identificasse com a sua própria história de vida. A organização das atividades foi conduzida pelas professoras junto com as crianças, vários foram os recursos utilizados, dentre eles exploração do ambiente próximo e, ainda, releitura e reescrita através de desenhos e histórias coletivas, na qual as crianças expressavam suas percepções sobre o contexto vivenciado.

Palavras-chave:

Cultura escrita, Gêneros narrativos, Educação infantil.

Contextualizando o tema

O presente trabalho é um relato de experiência de prática educativa, que foi desenvolvida, no 1º e 2º semestres do ano de 2008, com crianças de 2 e 3 anos de idade, na sala do maternal I, do turno da tarde, no interior do Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo, localizado na Universidade Federal de Santa Maria.

O propósito desta prática educativa foi a inserção das crianças no ambiente de educação infantil, ao qual a maioria ainda não tinha tido contato formal, através das suas histórias de vida, buscando fazer uma interlocução com os contos de fadas e outros gêneros literários. Especificamente objetivou-se, inserir e adaptar as crianças no contexto da creche; conhecer quem eram as crianças que estariam inseridas nesta turma, e proporcionar a elas, um primeiro contato com a cultura escrita e a leitura de imagens, inicialmente, através das suas histórias de vida, fotos e posteriormente das histórias infantis.

Atualmente percebe-se a grande dificuldade encontrada, nas instituições de educação infantil, especificamente pelas educadoras e educadores infantis, na hora da adaptação das crianças, dentro deste contexto institucional. Sabe-se que diversos aspectos estão imbricados dentro destas relações, como medo, dor, choro, confiança, apego, carinho, entre outros fatores. Assim, estas relações que precisam ser estabelecidas entre educadores, crianças e pais, têm como necessidade, respeitar o tempo e o espaço da criança, para que aconteça uma relação mais

próxima e de confiança por parte da criança e de seus pais, com as educadoras e educadores que irão atuar com estas crianças.

Desta forma, estabelecer relações do contexto familiar, através das histórias de vida das crianças, com a instituição, é uma das formas de diminuir estas angústias e aproximar a família do meio educativo da criança.

Nas palavras das autoras (Bondioli e Mantovani, 1998):

As crianças têm direito de viver experiências nas quais possam expressar todas as potencialidades evolutivas implícitas nas suas explorações do ambiente, de aprender e adquirir conhecimentos e habilidades, de construir a própria identidade através das trocas e das relações com as outras crianças e adultos que não pertencem ao seu núcleo familiar. (p. 150)

Algumas pesquisas e investigações como os de Bondioli e Mantovani (1998), Edwards *et. al* (1999), Faria *et. al.* (2002), Goldschmied e Jackson (2006), entre outros, sobre crianças, educação infantil, infância, e suas relações, foram desenvolvidas, com intuito de explicitar as necessidades e potencialidades das crianças pequenas nos ambientes de educação infantil, especificamente em creches. Estes estudos vêm a contribuir, para um trabalho na educação infantil, mais voltado para os interesses das crianças e não apenas as perspectivas que os adultos têm sobre o que elas deveriam desenvolver.

As crianças atualmente são vistas como sujeitos que possuem suas especificidades, ganharam espaço dentro do contexto social, demonstrando que não são mais seres passivos, sendo assim, elas devem e querem expressar suas diversas linguagens. Como destaca os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Vol. I "Os paradigmas atuais englobam e transcendem a história, a antropologia, a sociologia e a própria psicologia, resultando em uma perspectiva que define a criança como competente para interagir e produzir cultura no meio em que se encontra". (BRASIL, 2005: 13). Assim faz-se necessário, que as instituições de educação infantil, e especificamente as educadoras e educadores infantis, "transcendam" a sua visão, percebendo a criança, como um ser produtor de cultura e conhecimento.

Isso implica desta forma, ter conhecimento do que é necessário ser desenvolvido com a criança, respeitando suas necessidades caracterizadas pelo desenvolvimento intelectual, físico, emocional, para não incorrer em equívocos de propostas errôneas e desrespeitosas com relação à infância e à criança. Entende-se que, o importante na infância e o que deve ser priorizado na educação infantil, são as interações das crianças com os coetâneos e com os demais sujeitos, gerando experiências de diversas ordens na relação com os mundos físicos, sociais, emocionais que são produzidos em diferentes realidades socioeducativas.

Tecendo relações: da história de vida...

Segundo Freire (1996) os seres humanos são seres "inacabados", que através desta percepção é que vão ao encontro do conhecimento e da pesquisa. Compreendendo-me assim, e através das incertezas e angústias vivenciadas dentro do contexto da educação infantil, fui pesquisar e conhecer práticas educativas com crianças pequenas. Desta forma ao ler os livros *a Cem linguagens da criança* (1999) e *Por uma cultura da infância* (2002), tive como propósito inicial, investigar com as crianças, para assim compreender, na percepção delas, o que mais interessava e faria sentido ser desenvolvido como prática educativa naquele

momento, tentando desta forma, me desvestir das minhas vontades e não impor-lhes os meus desejos, enquanto educadora.

Conversei com todas elas, mesmo com aquelas, que ainda estavam num processo inicial de construção da linguagem verbal, pois entendo que, estas possuem outras linguagens para comunicação, e inicialmente foi muito complicado. Assim percebendo os sentimentos iniciais de choro, incertezas e vontade de estar ao lado da família, compreendi que para aquelas crianças, a única coisa que faria sentido seria proporcionar a elas, mesmo que através de imagens o contato com o meio familiar.

Conforme a autora (Katz, 1999)

[...] quando o tópico de um projeto é muito familiar às crianças, podem contribuir para o projeto com seus próprios conhecimentos e sugerir questões a serem indagadas e linhas de investigação a seguir; as próprias crianças podem assumir a liderança no planejamento, assumir responsabilidade por observações específicas e por informações e artefatos coletados. Projetos que investigam fenômenos reais oferecem às crianças, a oportunidade de serem "antropólogos naturais", que parecem terem nascido para ser. (p. 41).

Desta maneira, sentei com as crianças no tapete, comecei a perguntar coisas próprias do dia-a-dia, dos pais, o que eles faziam, onde trabalhavam, e assim tentando mostrar a importância de eles trabalharem e as crianças permanecerem neste ambiente interativo, que é a educação infantil. Após esta conversa, perguntei o que as crianças achavam de trazer para a sala as fotos de quando eram menores e assim contei a elas a minha idéia, e muitas me perguntavam como seria, outros percebi que não estavam entendendo muito, mas foi muito legal esta primeira conversa sobre o nosso projeto.

Após esta conversa inicial, mandei para os pais bilhetes pedindo para que escrevessem junto à criança, a história de vida dela, aqui pretendi, como coloca Goldschmied e Jackson (2006: 29) "ênfaticamente a importância das relações de trabalho com os pais, no interesse [...] da criança", pedindo a eles que relatassem pontos importantes, desde a gestação, como esta ocorreu, o nascimento, os primeiros meses, entre outras coisas importantes, e também mandassem fotos, pois com esta história de vida e com as fotos organizaríamos a decoração da sala e ainda facilitaria para a criança, ajudar-me a contar aos colegas a sua história.

Malaguzzi (1999: 76) "Uma vez que as crianças sejam auxiliadas a perceber a si mesmas como autoras e inventoras, uma vez que sejam ajudadas a descobrir o prazer da investigação, sua motivação e interesse explodem". Assim começou nosso mundo mágico, pelo caminho das histórias infantis da vida real.

Ao chegarem as primeiras histórias, pude perceber quão importante seria este trabalho, pois cada criança que entregava, contava-me trechos que foram escritos pelos pais, e muito felizes já queriam mostrar as fotos e contar para todos os colegas, quem eram aquelas pessoas que faziam parte do seu cotidiano fora contexto da creche.

Comecei a contar cada história individualmente, nos reuníamos no chão, no tapete, em círculos, no pátio, especificamente nos lugares que a criança que era a "protagonista" da história, desejasse contar a sua história. Assim eu lia a história, ia intercalando com perguntas a criança, e a criança me ajudava a mostrar as fotos que tinham sido selecionadas por ela e pelos pais. Tive uma imensa felicidade ao

ver a satisfação delas por terem suas histórias de vida, compartilhadas com a educadora e com os colegas.

Acredito que a criança que tem um lugar social, para a construção da sua identidade no contexto da educação infantil, a qual pode ser vista como única, com respeito às suas especificidades e particularidade, é uma criança que mais fácil irá se relacionar com o mundo externo e com as pessoas, esta criança terá um respeito pela diversidade e singularidade dos sujeitos os quais se relaciona e se relacionará.

Concordo com a autora (Rinaldi, 1999)

A ênfase é colocada em vê-las como sujeitos únicos com direitos, em vez de simplesmente necessidades. Elas têm potencial, plasticidade, desejos de crescer, curiosidade, capacidade de maravilhar-se e o desejo de relacionarem-se com outras pessoas [...]. [...] a importância do inesperado e do possível é reconhecida, num enfoque no qual os educadores sabem "desperdiçar" o tempo ou, melhor ainda, sabem como dar às crianças todo o tempo que necessitem. (p.114)

Compreendendo isso, eu dava este espaço, e este tempo, que a criança necessitava para explicitar sua versão da história, e contar através das imagens das fotos um pouco mais do que não era abordado no texto escrito pelos pais. Assim a visão da criança, frente à exposição do adulto, que segundo Goldschmied e Jackson (2006: 169) "as crianças podem ter a chance de expressar seus próprios pensamentos e reações em relação à história. A história torna-se um provocador de conversas interessantes [...]". Estas histórias foram contadas todos os dias, durante vinte dias, pois eram vinte crianças. Após o término de cada história, eu propunha atividades, como modo de sistematizar o entendimento e a compreensão coletiva da turma.

As histórias de vida foram se sucedendo e compondo a decoração da nossa sala, e a temática das nossas atividades. Tinha crianças que choram ao ver papai e mamãe, outras que se orgulhavam, e mostravam para todos que entravam na nossa sala, suas fotos e sua família. E ainda tinha aquelas, que pegavam os livros de histórias infantis e diziam que, a sua história estava escrita ali, a imaginação e a fantasia estavam borbulhando nesta turma.

Os livros infantis ficavam ao alcance das crianças, o tempo todo. Eu percebia que eles de alguma forma tentavam contar para os colegas as histórias que viam e que eu lia nos livros para eles. Para Goldschmied e Jackson (2006:27) "as crianças precisam ser apresentadas aos livros em uma idade muito precoce, e encorajadas a vê-los como uma fonte de interesse e prazer". Uma das crianças, num certo momento, fez a relação que eu gostaria que acontecesse, e disse-me: "Laila, esta história também tem uma menina que nasceu, igual eu nasci"! Era história da Cinderela, este foi o momento culminante do projeto, pois a interlocução que eu pretendia realizar, entre a história de vida das crianças e os contos de fadas estava prestes a começar. Chamei todas as crianças, e pedi para que esta menina falasse o que tinha me dito, para que todos pudessem de alguma forma compreender o que mais tarde seria proposto para elas. Ficaram desconfiados, porém acredito que atentos às demais histórias, aí interfeiri e falei que como os personagens dos livros infantis, nós também temos as nossas histórias e reportei-me às histórias de vida deles, como estas faziam parte da decoração da sala, estavam todas ali, e fui mostrando novamente, e recuperando algumas das falas das histórias.

A nossa viagem pelo mundo das descobertas, estava apenas começando e dando muito certo. Após o término de todas as histórias de vida e de muitas conversas,

percebi que eles já conseguiam diferenciar o estar na creche, como importante para seu desenvolvimento e a interação com as demais crianças também, claro que isso era meu pensamento e entendimento de ações que eles realizavam. Os brinquedos, os jogos, a fantasia, o carinho e afeto, constantemente fizeram parte da nossa realidade em sala, buscando sempre visualizar o diferencial de cada criança, suas linguagens individuais, suas produções, representações e criações dentro deste espaço. Tecendo as relações e proposições iniciais, fomos juntos, crianças e educadora fazendo as interlocuções necessárias para o trabalho com os contos de fadas, ou outras histórias que pudessem interessá-los, aliando assim, as histórias de vida que já tinham sido trabalhadas.

... aos contos de fadas

Spaggiari (1999: 107) "o período entre o nascimento e os seis anos de idade deve ser visto como um recurso precioso de potencial humano, cuja sociedade que olha para o futuro deve estar preparada para intervir responsavelmente". Acreditando neste potencial ilimitado que todas as crianças possuem, propus o desafio a mim, as crianças e aos pais. Este desafio era que as crianças escolhessem livros que mais interessavam para elas, ou que de certa forma, tinha alguma relação com o seu cotidiano, ou a sua própria história de vida, os pais deveriam ler as histórias para as crianças e incentivá-las a contar através da leitura das imagens.

Conforme (Goldschmied e Jackson, 2006):

Uma das coisas mais úteis que as creches podem fazer com os pais consiste em estimulá-los a ler e a contar histórias para seus filhos, desde quando são bebês, e mostrar a eles como auxiliar as crianças a ler sozinhas logo que elas tenham interesse em fazê-lo. Isso é bastante diferente de *ensiná-las* a ler, ou forçar atividades formais de aprendizagens em uma idade inapropriadamente precoce [...]
(p. 27)

O desafio estava lançado, falei com os pais na reunião do início do segundo semestre, a qual tinha como propósito, expor para eles o projeto que seria desenvolvido com as crianças, neste período. Inicialmente percebi uma reação de susto, pois eles achavam que seus filhos eram muito pequenos, e que não conseguiriam fazer o que estava sendo proposto. Assim conversei e através de estudos e pesquisas, que desenvolvi e apresentei à ele, e ainda, de colocações como as de Bondioli e Mantovani (1998: 25) "olhar a criança, e suas possibilidades de crescimento, com olhos diversos em relação ao senso comum, desmantelando estereótipos ainda difundidos (a criança como objeto, ser puramente receptivo e necessitado, incapaz de intencionalidades comunicativa e de interação social)", mostrei que era possível, sim e pretendi desmistificar esta visão da criança como alguém que não consegue realizar certas atividades devido a pouca idade, buscando assim construir com estes pais "novas imagens da infância" (ibid.).

Com o entendimento e colaboração dos pais, começamos a proposta de trabalho para o 2º semestre. Ficou estabelecido então três dias na semana, os quais um dia

para cada criança trazer uma história que ela iria escolher, e pedir para que os pais, ou um deles lesse o que estava escrito e após através das imagens esta criança deveria, na sala, ou em outros espaços, que poderiam ser característicos na história, tentar contar a mesma aos colegas.

Os livros e as histórias que eles traziam eram muito interessantes e bem diversificados e apresentavam vários gêneros literários, como contos de fadas, poesias, contos, livros que tinham músicas e histórias que traziam referências à vida cotidiana das crianças. Eles foram surpreendentes, claro que, no início tímidos, e sempre queriam que eu estivesse do lado, esta experiência foi muito rica e gratificante para mim enquanto educadora e acredito que para as crianças também.

Como proposta final para sistematização do que tínhamos trabalhado, no decorrer deste 2º semestre, realizamos um texto coletivo, tentando explicitar dentro de uma única história as coisas que mais tinham marcado estes momentos, tentando de certa forma interligar história da vida real e contos de fadas, claro dentro das possibilidades das crianças e levando em conta a sua faixa etária.

Considerando as atividades descritas a cima, estas auxiliaram na obtenção dos resultados que tinham sido propostos nos objetivos, ajudaram as crianças a desenvolverem, a coletividade, solidariedade e a escuta do outro, diminuindo assim, as atitudes agressivas, que muitas vezes permeavam as brincadeiras, a inserção inicial das crianças na cultura escrita, através da leitura de imagens, das fotos e dos livros, e ainda mostrar para os pais que através de estímulos e atividades corretas para a faixa etária, as crianças desenvolvem-se de uma forma lúdica e prazerosa, as primeiras relações com a leitura e posteriormente com a escrita.

Referências

BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. **Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos.**-uma abordagem reflexiva; Tradução. Rosana Severino Di Leoni e Alba Olmi, 9º ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares de Qualidade em Educação Infantil, Vol.I e II., 2005.** Disponível em [http:// www.portal.mec.gov.br/index.php](http://www.portal.mec.gov.br/index.php) . Acessado em dezembro de 2008.

EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George; GANDINI, Lella. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância; Trad. Dayse Batista, Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

FARIAS, Ana Lúcia Goulart de. *et. al.* (orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologia de pesquisa com crianças. Campinas. SP: Autores associados, 2002. (Coleção Educação Contemporânea)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. Tradução Marlon Xavier. 2 ed. Porto Alegre: Artemed, 2006.

KATZ, Lilian. O que podemos aprender com Reggio Emilia?. In: EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George; GANDINI, Lella. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância; Trad. Dayse Batista, Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George; GANDINI, Lella. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância; Trad. Dayse Batista, Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

RINALDI, Carlina. O currículo emergente e o construtivismo social. In: EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George; GANDINI, Lella. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância; Trad. Dayse Batista, Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

SPAGGIARI, Sérgio. A parceria comunidade-professor na administração da escolas. In: EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George; GANDINI, Lella. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância; Trad. Dayse Batista, Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.